

RACISMO, RELAÇÕES DE PODER E DO LUGAR DE FALA DA MULHER NEGRA NA ENCENAÇÃO LITERÁRIA

Racism, Power Relations and Black Women Place of Speech in Literary Staging

Mara Rúbia Neves Costa FANTI

<https://orcid.org/0000-0001-5874-182X>

PUC-SP, Brasil

fantimara@gmail.com

Lidiane Pedroso GONÇALVES

<https://orcid.org/0000-0001-9611-494X>

PUC-SP, Brasil

lidibjgoncalves@gmail.com

Jarbas Vargas NASCIMENTO

<https://orcid.org/0000-0002-2002-1752>

PUC-SP, Brasil

jvnf1@yahoo.com.br

Resumo: Esse artigo tem como tema o estudo do racismo, das relações de poder e do lugar de fala da mulher negra colocada em foco na encenação literária. Partimos do princípio de que, por meio de textos literários representativos da Literatura Negra, possamos contribuir para discussões sobre o racismo, o poder da branquitude, o lugar de fala e a linguagem como mecanismos de instauração de submissão/apagamento do negro/negra em nossa sociedade. Para dar conta de nossa proposta, examinamos o discurso literário *Maria*, materializado em *Olhos d'água*, por Conceição Evaristo, que problematiza condições de vivências negras, observadas pela autora. Objetivamos compreender, também, como o discurso literário de Conceição Evaristo projeta um enunciador, que coloca em cena sua relação com a história do negro no Brasil em confronto com as forças sociais produtoras de racismo como uma estratégia de poder do sujeito branco. Nossa investigação fundamenta-se no quadro teórico-metodológico da Análise do Discurso de linha francesa (AD), nas perspectivas enunciativo-discursivas de Maingueneau (2018), que teoriza uma Análise do Discurso Literário por meio da interdisciplinaridade entre a Linguística e a Literatura. Essa posição de Maingueneau caracteriza-se por um empreendimento epistemológico em que a enunciação literária se instaura como um evento discursivo. Para dialogar com Maingueneau, trazemos autores que abordam a questão do negro, entre eles, Kilomba (2019), Cuti, (2010), Ianni (1988), Ribeiro (2017). Para produzirmos esse artigo, estudamos de *Olhos d'água*, o discurso *Maria*, que selecionamos, para procedermos à análise, com base nas categorias enunciativo-discursivas adotadas. Os resultados da pesquisa mostram-nos que o racismo, o poder da branquitude, o lugar de fala e a linguagem estabelecem um apagamento da mulher negra em nossa sociedade.

Palavras-chave: Discurso literário; Mulher Negra; Racismo; Poder; Branquitude.

Abstract: *The theme of this article is the study of racism, of relationships based on power and of black women's place of speech focused in literary staging. For doing so, we originally assume that, through Black Literature's representative literary texts, we may be able to contribute in discussions about racism, whiteness power, place of speech and language as a mechanism of submission/effacement of black people in our society. In the pursuit of fulfilling our proposal, we have examined the literary discourse Maria, materialized in Olhos d'água, by Conceição Evaristo, which problematizes the conditions in which black people live, depicted by the author. Moreover, our aim also covers the comprehension on how Conceição Evaristo's literary discourse projects an enunciator who places in scene their relation with Brazilian blacks' history, in confrontation with the social forces producing racism as a strategy of power of the white subject. Our investigation is based on the*

theoretical-methodological framework of the French Discourse Analysis (AD), in the enunciative-discursive perspectives of Maingueneau (2018), which theorizes a Literary Discourse Analysis through the interdisciplinarity of Linguistics and Literature. This positioning of Maingueneau is characterized by the epistemological development in which the literary enunciation is comprehended as a discursive event. To dialogue with Maingueneau, we introduce a few authors that address the issues concerning black people, such as Kilomba (2019), Cuti (2010), Ianni (1988), Ribeiro (2017). To produce this article, we have studied, in Olhos d'água, the discourse Maria, which we have selected in order to proceed with the analysis, based on the enunciative-discursive categories we have undertaken. The research results show that racism, whiteness power, place of speech and language establish an effacement of black women in our society.

Keywords: *Literary Discourse; Black Women; Racism; Power; Whiteness.*

Considerações Iniciais

Por muitos séculos, impelidos pelo poder e pela soberania dos brancos, os negros têm sido marginalizados, principalmente pelo apagamento de suas características identitárias e pela consolidação e perenização de estereótipos que os rebaixam. O fardo da história e o estigma da cor da pele, ligados a outras normas sociais construídas pelo branco, têm criado distanciamentos e naturalizado situações de tensão que determinam um racismo estrutural irreparável (ALMEIDA, 2018). Em meio a essa trágica situação, ainda a passos curtos, movimentos acadêmicos e outros científico-culturais e sociais negros vêm colocando em foco aspectos histórico-sociais positivos da negritude como algo imprescindível à legitimação do negro na constituição da nacionalidade brasileira.

Diante desse quadro, o final do século XIX e todo o século XX impulsionaram mudanças significativas em inúmeras esferas da sociedade brasileira. Interessam-nos, particularmente, para nossa investigação, as mudanças efetivadas na/pela Literatura, pois esse é um dos espaços onde, de modo particular, o negro se dá a conhecer. Sevcenko (1999, p. 237) reforça nossa argumentação quando afirma que:

os fenômenos históricos se reproduziram no campo das letras, insinuando modos originais de observar, sentir, compreender e exprimir. A rapidez e a profundidade da transfiguração que devassou a sociedade inculcaram na produção artística uma inquietação diretamente voltada para os processos de mudança, perplexa com a sua intensidade inédita, presa de seus desmandos e ansiosa de assumir sua condução.

Dessas observações, podemos deduzir que a Literatura Negra se particulariza como um movimento (re) construtor que visa a refletir sobre o negro, revelá-lo e escancarar à sociedade brasileira, estética e literariamente, sua condição subalterna. É, por conseguinte, uma literatura para o negro falar de si e dos seus, de suas verdades, exigir mudanças nas condições impostas a ele pelo branco e denunciar as injustiças sociais e as desigualdades étnico-raciais (CUTI, 2010).

Nosso artigo propõe como tema o estudo do racismo, das relações de poder e do lugar de fala da mulher negra, colocada em foco na encenação literária, considerando as imposições histórico-culturais materializadas linguisticamente na enunciação. Partimos do princípio de que, por meio do estudo de textos literários representativos da Literatura Negra, que trazem à tona a questão acima descrita, possamos contribuir com as discussões sobre o racismo, o poder da branquitude, o lugar de fala do negro e a linguagem, cujos efeitos têm ocasionado a submissão/apagamento do negro/negra em nossa sociedade. Na verdade, a visibilidade dos mecanismos sociais de apagamento do negro, embora percebidos individualmente, são institucionalizados e concebidos sob critérios raciais, hoje, considerados retrocesso teórico.

Para dar conta de nossa proposta, examinamos o discurso literário *Maria*, incluso em *Olhos d'água*, escrito por Conceição Evaristo, que problematiza determinadas condições de pessoas negras, por meio da voz feminina, observada pela autora, desde o início de sua produção literária, nos anos de 1990. Objetivamos compreender, também, como o discurso literário de Conceição Evaristo, uma das mais produtivas escritoras negras contemporâneas, cria um sujeito enunciativo que coloca, na encenação literária, a relação com a história do negro no Brasil e as forças sociais, responsáveis pela reprodução e manutenção do racismo. É marca do discurso de Evaristo um posicionamento que materializa uma fratura da integridade do sujeito negro sem, contudo, apresentar ausência de consciência de sua identidade. Depreendemos disso que

afinal, as identidades individuais se conformam no encontro com suas alteridades, mesmo sob o risco da fratura da integridade do eu. No contato com a literatura, o indivíduo adquire um sistema de valores e de regras de conduta, que o situam no mundo e lhe permitem avaliar seu lugar nele (BORDINI, 2006, p.21).

Para procedermos à análise, fundamentamo-nos no quadro teórico da Análise do Discurso de linha francesa (AD), cujos procedimentos metodológicos se apoiam na linguagem enquanto evento discursivo e não nos dados. Na verdade, a AD se vale do evento linguístico que coloca em funcionamento a língua como parte de um processo histórico-social e nos permite relacionar a organização do texto aos lugares sociais em que foram produzidos. Assumir a AD é fundamental para nossos objetivos, pois podemos centralizar a posição-sujeito e articulá-lo ao posicionamento crítico que damos a esse artigo. Assim, as perspectivas enunciativo-discursivas propostas por Maingueneau (2018), entendem a instância sujeito como origem de negociação histórica de efeitos de sentido e nos permite entender a Análise do Discurso Literário por meio da interdisciplinaridade entre a Linguística e a Literatura. Tal posicionamento epistemológico de diálogo ente a Linguística e a Literatura visa a trazer para o interior da AD uma quebra de oposição entre aqueles campos e prescrever um espaço de conciliação teórico-metodológico pela discursividade. Essa hipótese proposta por Maingueneau alicerça-se em um empreendimento epistemológico em que a enunciação literária se instaura como um evento discursivo. Por isso, para Maingueneau (2018, p. 43), considerar o fato literário como discurso é *restituir as obras aos espaços que as tornam possíveis, onde elas são produzidas, avaliadas, administradas*.

Para dialogar com Maingueneau em relação à negritude e à Literatura Negra, trazemos autores que abordam a questão do negro, uma concepção de racismo e de sua relação com a mulher negra, além de questões de relações de poder e de linguagem como campo de disputas sociais e sobre o papel da Literatura como lugar de fala na luta pela cidadania inclusiva. Entre eles, estão KILOMBA (2019) CUTI, (2010), IANNI (1988), RIBEIRO (2017), em cujos estudos ampliam a discussão sobre a ascensão do negro, nas perspectivas de efetivação de garantia de sua identidade e de direitos.

Para esse estudo, escolhemos o discurso *Olhos d'água* de Conceição Evaristo e dele recortamos *Maria* para procedermos à análise, baseados em categorias enunciativo-discursivas, fundamentadas em Maingueneau (2018), que adotamos. *Olhos d'água* reúne 15

contos, cuja encenação literária descortina a favela e as ruas onde vivem negros vitimados pelo racismo, pelo poder da branquitude e pelo apagamento da identidade, os quais anseiam por uma cidadania inclusiva. Os textos materializam e tematizam, particularmente, a mulher negra e, algumas vezes, o homem negro intimamente associado à mulher negra.

A escrevivência e as condições sócio-histórico-culturais do discurso de Conceição Evaristo

Maria da Conceição Evaristo é uma mulher negra que foge à regra da maioria das mulheres de sua geração que produziram textos literários. Ganhadora do prêmio Jabuti 2015 e vencedora do Prêmio de Literatura do Governo de Minas Gerais, Evaristo é uma profissional multifacetada, possui doutorado em Literatura Comparada, foi professora da rede pública, além de estar filiada à Literatura Negra como romancista, contista e poetisa.

Dona de um estilo de escrita peculiar, Evaristo inova no âmbito da escrita literária, ao introjetar na literatura a noção de *escrevivência*. Para ela, *escrevivência* se relaciona à conjunção entre o ato de escrever somado às vivências, que perpassam a vida de negros e negras, sobre os quais lhes impuseram um espaço de marginalidade social, construída para apartá-los e mantê-los nas margens, sem fornecer subsídios efetivos para que consigam chegar ao centro. Crianças de rua, desempregados, alcoólatras, empregadas domésticas, prostitutas, trabalhadores da construção civil, nos textos de Evaristo, revelam as tensões existentes entre negros e brancos, ainda que pertencentes ao mesmo estrato social, além de trazer para o cerne das discussões as fissuras e os conflitos que mobilizam as categorias de classe social e gênero.

Na prática, Evaristo traz para o núcleo de suas narrativas a complexidade da vida de sujeitos que carregam consigo dores, mas também um otimismo típico de quem tem pouco tempo e poucas opções para se render às dificuldades impostas pela vida. Esse tipo de condução de narrativa explorado pela autora corrobora com um dos pressupostos defendidos pela filósofa Kilomba (2019, p.41), quando sustenta que *a margem não deve ser vista apenas como um espaço periférico, um espaço de perda e privação, mas sim como um espaço de resistência e possibilidade*. Isso é possível comprovar no discurso de Evaristo

que, embora alguns negros/negras tenham fim trágico, é plausível apreender, no percurso narrativo, a força de cada um e os rompantes de resistência diante das dificuldades, que irrompem, diariamente, contra esses sujeitos.

Essas vivências complexas são na verdade elementos que alicerçam a noção de escrevivência e envolvem escrever do lugar de quem está à margem, sobretudo, mulheres negras. Assim, Evaristo defende que a produção escrita, ainda que possa soar dessa perspectiva, não é mero fruto do acaso, mas planejada e concatenada a partir de duras vivências de negros e negras que, muitas vezes, são secundarizados e desprezados por aqueles que, historicamente, monopolizam o lugar do dizer. Em função disso, a produção escrita de Evaristo, como ela mesma atesta

tem uma autoria, um sujeito, homem ou mulher, que com uma “subjetividade” própria vai construindo a sua escrita, vai “inventando, criando” o ponto de vista do texto. Em síntese, quando escrevo, quando invento, quando crio a minha ficção, não me desvinculo de um “corpo-mulher-negra em vivência” e que por ser esse “o meu corpo, e não outro”, vivi e vivo experiências que um corpo não negro, não mulher, jamais experimenta (EVARISTO, 2009, p. 18).

Assim, dizer-se a si mesmo, a partir do lugar de quem sempre foi tratado como o Outro, é o tecido que engendra a escrita literária de Evaristo, ou seja, suas experiências de vida, suas observações, reflexões e escuta embasam o modelo de seu discurso literário e, *ao mesmo tempo, assume-se a vivência, embora parta da realidade, como elaborada/tecida/significada no ato da escrita.* (MIRANDA, 2019, p. 272). A escrevivência, que ancora o conjunto da produção de Evaristo, por narrar experiências coletivas de negros/negras, serve para viabilizar a identificação desses sujeitos e funciona como um mecanismo de denúncia da pobreza, da violência, da exclusão e da marginalidade, sobretudo de mulheres negras que sofrem uma discriminação tripartite: étnico-racial, de classe e de gênero.

Evaristo, em verdade, ao colocar a mulher negra como responsável por seu dizer, comunga com Ribeiro (2019) a noção de lugar de fala, cujo objetivo é dar visibilidade e voz a sujeitos cujos pensamentos foram apagados historicamente pelo poder do branco. Por isso,

a noção de lugar de fala é frequentemente explorada por intelectuais negros como Gonzales que, em sua obra, advoga que é preciso falar e assumir o risco de ser o detentor da palavra:

O risco que assumimos aqui é o do ato de falar com todas as implicações. Exatamente porque temos sido falados, infantilizados (infans, é aquele que não tem fala própria, é a criança que se fala na terceira pessoa, porque falada pelos adultos), que neste trabalho assumimos nossa própria fala. Ou seja, o lixo vai falar, e numa boa. (GONZALES, 1993 p.193).

Na realidade, tomar a palavra e enunciar a partir do lugar de mulher negra é humanizar a população negra por meio de suas narrativas; uma maneira de transgredir o *status quo* da branquitude que, durante muitos anos, retrata os negros e negras como o Outro e o faz de forma estereotipada, contribuindo para criar e enraizar, no imaginário social brasileiro, representações distorcidas e desumanizadas. Enunciar do lugar de mulher negra consiste, assim, em empoderar vozes negras, silenciadas pelo racismo estrutural e institucional que se faz presente em nossa sociedade (RIBEIRO, 2017). É importante trazer também a contribuição de Kilomba (2019, p.58-59), que acompanha as intelectuais brasileiras, quando reitera que mulheres negras devem ser protagonistas de seu dizer e de suas narrativas

Eu, como mulher negra, escrevo com palavras que descrevem minha realidade, não com palavras que descrevam a realidade de um erudito branco, pois escrevemos de lugares diferentes. Escrevo da periferia, não do centro. Este é também o lugar de onde eu estou teorizando, pois coloco meu discurso dentro da minha própria realidade.

Normalmente, avessa ao cânone literário vigente que secundariza a escrita literária negra, Evaristo, por meio da apresentação mulheres negras, consolida a Literatura em um esforço de contestar as influências europeias que dominam nossa cultura estético-literária. Nessa senda, podemos dizer que a voz de Evaristo enriquece a forma de narrativa do eu por meio da escrita, a de familiares e ancestrais e da população negra brasileira, credora de um país distante de quitar uma dívida histórica com os descendentes dos escravos. Por isso, as mulheres, tanto na vida quanto na produção escrita de Evaristo, são “muitas e plurais – avós,

mães, tias, esposas, filhas, irmãs – compartilhando uma infinidade de dilemas e vivências, em que ser mulher, negra e pobre se aproxima passado e presente, um futuro incerto” (SANTOS, 2018, p. 101).

Bases teórico-metodológicas

A base teórico-metodológica que orienta esse artigo é a Análise do Discurso de orientação francesa (AD), pois enfatiza os efeitos de sentido, ou seja, sua preocupação é com aquilo que o texto significa. Assim, ao assumir o discurso como seu objeto, a AD o apreende como uma construção social que reflete uma cosmovisão vinculada à instância enunciativa sujeito e à sociedade. A AD, de fato, na abordagem de Maingueneau (2007,2015, 2018), valoriza o caráter interativo da atividade linguageira e assume uma perspectiva interdisciplinar no tratamento do discurso como marca fundante dos sujeitos.

Assim, a interdisciplinaridade constitutiva da AD permite-nos um diálogo entre campos distintos, entre eles a Literatura, e faz com que o discurso englobe os planos linguístico-enunciativo e o sócio-histórico-cultural das condições de produção que o organiza. Com base nessa interdisciplinaridade desde sua origem, Maingueneau postula uma Análise do Discurso Literário, por meio da aproximação do campo da Linguística e da Literatura, para propor, pela discursividade, um diálogo teórico-metodológico entre esses campos. Neste sentido, essa atitude epistemológica de Maingueneau postula um empreendimento teórico-metodológico em que podemos apreender a enunciação literária como um evento discursivo.

Proença Filho (1997, p.8), discutindo a aproximação entre a Linguística e a literatura afirma que *o discurso literário traz, em certa medida, a marca da opacidade: abre-se a um tipo específico de descodificação ligado à capacidade e ao universo cultural do receptor*. Por isso, nesta perspectiva, a Literatura se constitui uma forma de linguagem, pois utiliza a língua como suporte para evidenciar uma forma de apreender a criação literária como evento discursivo. Logo, dar ao texto literário a condição de discurso implica, conseqüentemente, tratá-lo como uma atividade de interação verbal e, por isso, uma prática social que suscita a

abordagem de seu funcionamento interno, principalmente, por meio da cenografia que o engendra. Para isso, faz-se necessário considerar as condições sócio-históricas e culturais de produção, as coordenadas pessoais, espaciais e temporais e o lugar de onde o enunciador articula e sistematiza os enunciados, que organizam esse tipo de discurso. Desse modo, segundo Maingueneau (2018), o texto literário se organiza como um evento enunciativo-discursivo, apresenta esteticamente uma cenografia do real, por meio de estratégias linguísticas, sociais e institucionais que o ampliam.

Maingueneau & Cossutta (1995) afirmam que o discurso literário é um discurso constituinte, ou seja, é um tipo de discurso que, com os discursos filosófico, religioso e científico, são *archeion*, isto é, fundantes de uma sociedade. O fato de serem constituintes, são discursos-primeiro, autofundantes e afiançam, portanto, outros discursos. Assim, o discurso literário e os outros discursos constituintes constroem a sua própria condição de emergência e de legitimidade. Além disso, o discurso literário mobiliza comunidades discursivas específicas e registram sua memória (MAINGUENEAU, 2018).

Vale ressaltar, ainda, a condição paratópica do discurso literário, ou seja, quem enuncia nesse tipo de discurso não ocupa um lugar, nem fora nem dentro da sociedade, ocupa um lugar problemático na sociedade (MAINGUENEAU, 2004). Essa condição mostra a impossibilidade de se atribuir, nos discursos constituintes, um lugar ao enunciador, mas apenas negociar um lugar e um não-lugar. O autor do discurso literário é aquele que ocupa, no campo da Literatura e na sociedade, um lugar paradoxal, indissociável do processo de criação.

De fato, a paratopia é uma condição da atividade de escrita literária e essa categoria abre novas perspectivas de estudo na medida em que ela não se confunde com marginalidade, nomadismo ou parasitismo. Chaves (2018) propõe, somando aos tipos propostos por Maingueneau, a Paratopia do estigma, a que se refere a grupos ou indivíduos com traços que, quando associados a eles, tais como cor da pele ou marca física, interferem na construção de sua identidade. Nesse caso, tais elementos são constituídos pelo imaginário sociocultural e denotam negatividade:

Há sujeitos que terão como marca, quer física, quer comportamental, quer de qualquer outra natureza, algo entendido como não natural do espaço. São marcas do outro, que são compreendidas como elementos que exigem um retrato próprio de si, uma justificativa para ocupar o lugar em que estão (CHAVES, 2018, p. 63).

Desse modo, mais que um estereótipo, o negro, produtor de texto literário, possui um estigma, a cor de sua pele, que determina seu destino, suas ações e nele interfere, quando exposto a lugares que podem ocupar na cenografia literária e na sociedade. Falar sobre a paratopia do estigma significa reconhecer/não reconhecer um lugar de fala do negro/negra que enuncia na cenografia literária, entendido como um não lugar social. O lugar de fala, todavia, proporciona ao sujeito negro, historicamente discriminado na sociedade brasileira, a oportunidade de construir um contradiscurso. Reforça positivamente o que antecede, quando Ribeiro (2017, p.83) afirma que *pensar lugar de fala é uma postura ética, pois saber o lugar de onde falamos é fundamental para pensarmos as hierarquias, as questões de desigualdade, pobreza racismo e sexismo.*

A análise

Para procedermos à análise do discurso literário *Maria* escrito por Evaristo (2016, p. 39-42) selecionamos as categorias analíticas, que o enunciador investe no funcionamento discursivo, ou seja, a cenografia, o código linguageiro, o *ethos* discursivo e a paratopia. Elegemos, ainda, os mecanismos discursivos, lugar de fala e posicionamento, indispensáveis à realização da análise que propomos. Essas categorias e esses mecanismos se configuram relevantes para a negociação de efeitos de sentido, principalmente, quando percebemos na organização do discurso *Maria* manifestações racistas, de poder e de apagamento da mulher negra como indício de uma conduta social e estrutural cristalizada.

Justificamos nossa escolha pelo discurso literário *Maria* devido ao fato de ele desnudar os espaços de submissão, violência e opressão impostos à mulher negra e ao mesmo tempo provocar em nós a reflexão sobre relações de inferioridade da mulher negra motivadas por questões étnico-raciais e de gênero. Kilomba (2019) alerta sobre a importância de colocar em evidência a mulher negra, que ocupa um lugar subalterno em

relação ao da mulher branca. A mulher negra, construída socialmente pelo homem branco como um objeto, destituído de humanidade, continua, ainda hoje, invisível nos debates políticos e acadêmicos e está submetida a critérios de inferioridade, lutando por seu espaço e por seu direito de existir.

Buscando agora proceder ao exame do discurso literário *Maria* escrito por Evaristo, verificamos as sequências de cenografias, a fim de compreendermos como o enunciador coloca em cena a mulher negra e sua relação com a história em confronto com as forças sociais produtoras de racismo. Para começar, vamos nos ater, primeiramente, ao título. Para nós, o título *Maria* funciona como uma estratégia que direciona a produção de efeitos de sentido e pleiteia do co-enunciador ativação, na memória, de um interdiscurso, ao conectar o nome próprio Maria ao conteúdo do discurso como uma referência enunciativa. Ora, essa referência é origem dos efeitos de sentido engendrados pelos enunciados e perspectiva mostram onde se encontram as pistas a serem seguidas no exame do percurso investigativo de compreensão do discurso. Maria não é apenas um código linguageiro inerte; Maria é um sujeito de referência discursiva, pois nos remete à sua situação social de carência e à sua inscrição psicológica no discurso cujo critério enunciativo-argumentativo traduz a luta pela validação de sua identidade.

O título *Maria* garante a essa mulher uma vida real, não ficcional, lembra-nos o conjunto de suas características e fundamenta sua identidade. Assim, *Maria* funciona em interação com o ser e o fazer dessa mulher e a identifica, a distinguindo de outras mulheres. Além disso, traz à memória o interdiscurso bíblico e incorpora, nesse discurso, a imagem de mãe, sofredora, mas que, ao mesmo tempo, acolhe, põe-se a serviço, abraça o filho crucificado e submete-se à vontade divina sem questionamentos. A memorização do interdiscurso bíblico ajuda-nos a recobrar o rastro de um posicionamento em que a mulher negra é apagada, submetida à violência, mas quer se recompor, ressignificar-se social e discursivamente.

Para organizarmos o processo analítico, recorreremos à noção de recorte que, para Orlandi (1984), se refere às formulações linguísticas feitas pelo esforço do analista a fim de apreender as relações textual-discursivas evocadas no/pelo discurso, visando à negociação

de efeitos de sentido. Assim, os recortes encenam diferentes cenografias do discurso *Maria*. Neste cenário, fica evidente a posição de Maingueneau (2018) quando reforça a complexidade do movimento das instâncias subjetivas na cenografia literária e nos adverte da imprescindível distinção entre o autor, Evaristo, e o enunciador, sujeito que produz e emerge no discurso. Desse modo, ainda que o enunciador organize as cenografias como uma encenação, ele é um suporte das operações enunciativas, fazendo, muitas vezes, com que seus enunciados se confundam com os do autor.

Para nós, as cenografias literárias em *Maria* podem ser analisadas pelas pistas materializadas nos recortes que definimos. Entretanto, é no discurso que podemos perceber os efeitos estético-linguísticos sobre os quais o discurso se organiza. Por isso, a análise deve privilegiar as interações languageiras e a movimentação que as instâncias subjetivas operam no arranjo das cenografias. Resta-nos acrescentar que as diferentes cenografias de *Maria* instauram situações de tensão decorrentes das situações enunciativas assumidas pelos sujeitos e pelas atitudes sociais e psicológicas da mulher Maria postas em cena. Em consequência, no discurso *Maria*, a enunciação literária vai se constituindo com base em sucessivas cenografias materializadas linguisticamente em espaços de interlocução entre diferentes sujeitos.

Recorte 1

Maria estava parada há mais de meia hora no ponto do ônibus. Estava cansada de esperar. Se a distância fosse menor, teria ido a pé. Era preciso mesmo ir se acostumando com a caminhada. O preço da passagem estava aumentando tanto! Além do cansaço, a sacola estava pesada. No dia anterior, no domingo, havia tido festa na casa da patroa. Ela levava para casa os restos. O osso do pernil e as frutas que tinham enfeitado a mesa. Ganhara as frutas e uma gorjeta. Os ossos, a patroa ia jogar fora. Estava feliz, apesar do cansaço. A gorjeta chegara numa hora boa. Os dois filhos menores estavam muito gripados. Precisava comprar xarope e aquele remedinho de desentupir nariz. Daria para comprar também uma lata de Toddy. As frutas estavam ótimas e havia melão. As crianças nunca tinham comido melão. Será que os meninos iriam gostar de melão? A palma de uma de suas mãos doía. Tinha sofrido um corte, bem no meio, enquanto cortava o pernil para a patroa. Que coisa! Faca a laser corta até a vida!

Nesse primeiro recorte, a cenografia encena um ponto de ônibus onde autor e enunciador, por um regime misto, sobrepõem seus enunciados para apresentar Maria, um

referente de representação discursiva já consolidado histórica e socialmente. Para inserção de Maria na cenografia, o enunciador utiliza mecanismos descritivo-literários, a partir de um espaço discursivo realista, um ponto de ônibus, por meio de atos enunciativos do verossímil. Maria é o estereótipo de uma mulher, negra, empregada doméstica, sem sobrenome, referendada por enunciados que a colocam parada, há mais de meia hora, em situação de espera de ônibus, retornando do trabalho na casa de sua patroa. Nesta cenografia, o enunciador apela para enunciados que buscam caracterizar Maria, acompanhada de detalhes de ações que a definem, dando ao co-enunciador a impressão de verossimilhança.

Para nós, realidade e ficção se juntam para garantir o estatuto estético-literário proposto por Evaristo. Na verdade, as ações visam a resumir a identificação e incluir Maria no contexto de uma minoria, não apenas racial, mas de um grupo de pouco acesso aos bens de consumo. Isso se consolida quando o enunciador seleciona ações enunciadas por Maria, sob a forma de um monólogo interior, pois ela ocupa e não ocupa um lugar na sociedade e parece provocar o co-enunciador:

parada há mais de meia hora no ponto; cansada de esperar; preço da passagem; cansaço; a sacola estava pesada; levava para casa os restos: osso do pernil e as frutas, uma gorjeta; os dois filhos menores estavam gripados; comprar xarope e aquele remedinho de desentupir nariz; as crianças nunca tinham comido melão; a palma de uma de suas mãos doía; tinha sofrido um corte, enquanto cortava o pernil para a patroa; faca a laser corta até a vida.

De fato, a situação paratópica, esse detalhamento de sequências discursivas das ações e a forma como o enunciador as insere, na cenografia literária, faz com que o co-enunciador tenha a impressão de não neutralidade, mas de uma realidade encenada em nosso cotidiano e que precisa ser combatida. Maria vive os efeitos da desigualdade social, motivada por questões histórico-sociais e de poder a serviço de um dominador. Essa situação parte do cotidiano, categoriza Maria, orienta as relações sociais e familiares e oferece as bases para a construção de estereótipos no tratamento dado, mais especificamente, à mulher negra.

Como podemos perceber, nessa primeira cenografia, o enunciador, mediado pela autora, investe em recursos descritivos e estético-narrativos para referendar a imagem de

Maria. A forma como o enunciador enuncia revela um espaço discursivo realista, na medida em que aproxima a realidade e a ficção para propiciar um efeito de verdade (REUTERS, 2002). Resta-nos acrescentar que, ao mesmo tempo em que Maria é sujeito central da cenografia, pois os enunciados dão conta de uma real imagem social de Maria, ela está em confronto com as forças histórico-sociais produtoras de racismo. Percebemos que o enunciador quer informar, com precisão, o co-enunciador que, imediatamente, atribui uma identidade a Maria que a integra em uma situação concreta da sociedade. O enunciado que fecha essa primeira cenografia *Faca a laser corta até a vida* revela o posicionamento de Evaristo que denuncia uma fratura da integridade da mulher negra sem, contudo, perder a consciência de sua identidade.

Recorte 2

Quando o ônibus apontou lá na esquina, Maria abaixou o corpo, pegando a sacola que estava no chão entre as suas pernas. O ônibus não estava cheio, havia lugares. Ela poderia descansar um pouco, cochilar até a hora da descida. Ao entrar, um homem levantou lá de trás, do último banco, fazendo um sinal para o trocador. Passou em silêncio, pagando a passagem dele e de Maria. Ela reconheceu o homem. Quanto tempo, que saudades! Como era difícil continuar a vida sem ele. Maria sentou-se na frente. O homem sentou-se a seu lado. Ela se lembrou do passado. Do homem deitado com ela. Da vida dos dois no barraco. Dos primeiros enjoos. Da barriga enorme que todos diziam gêmeos, e da alegria dele. Que bom! Nasceu! Era um menino! E haveria de se tornar um homem. Maria viu, sem olhar, que era o pai de seu filho. Ele continuava o mesmo. Bonito, grande, o olhar assustado não se fixando em nada e em ninguém. Sentiu uma mágoa imensa. Por que não podia ser de uma outra forma? Por que não podiam ser felizes? E o menino, Maria? Como vai o menino? cochichou o homem. Sabe que sinto falta de vocês? Tenho um buraco no peito, tamanha a saudade! Tou sozinho! Não arrumei, não quis mais ninguém. Você já teve outros... outros filhos? A mulher baixou os olhos como que pedindo perdão. É. Ela teve mais dois filhos, mas não tinha ninguém também. Ficava, apenas de vez em quando, com um ou outro homem. Era tão difícil ficar sozinha! E dessas deitadas repentinas, loucas, surgiram os dois filhos menores. E veja só, homens também! Homens também? Eles haveriam de ter outra vida. Com eles tudo haveria de ser diferente. Maria, não te esqueci! Tá tudo aqui no buraco do peito...

O homem falava, mas continuava estático, preso, fixo no banco. Cochichava com Maria as palavras, sem entretanto virar para o lado dela. Ela sabia o que o homem dizia. Ele estava dizendo de dor, de prazer, de alegria, de filho, de vida, de morte, de despedida. Do buraco-saudade no peito dele. Desta vez ele cochichou

um pouquinho mais alto. Ela, ainda sem ouvir direito, adivinhou a fala dele: um abraço, um beijo, um carinho no filho.

Esse Recorte 2 apresenta uma nova cenografia, que se desenrola no interior do ônibus, onde o enunciador guia e entremeia situações enunciativas com situações comunicativas monologais e dialogais. Em ambas as situações, o enunciador coloca em cena a relação de Maria em confronto com forças sociais produtoras de submissão, responsáveis pela fratura de sua integridade. Nas situações monologais, Maria expressa pensamentos, desejos, sentimentos e impressões que, somadas a seu perfil, levam o co-enunciador a entender essa cenografia como literária e a negociar efeitos de sentido reais. Nas situações dialogais entre Maria e seu *ex-homem* há um plano linguístico-discursivo que ressalta o papel daquele contexto no processo de produção de efeitos de sentido reveladores daquela cenografia. Assim, uma vez apresentada Maria no Recorte anterior, o enunciador se apressa, agora, em investir, pela reflexibilidade da atividade discursiva, em construir uma cenografia literária encenada graças às coerções interiores impostas por regime de poder:

um homem levantou lá de trás, do último banco, fazendo um sinal para o trocador. Passou em silêncio, pagando a passagem dele e de Maria. Ela reconheceu o homem. Quanto tempo, que saudades! Como era difícil continuar a vida sem ele. Maria sentou-se na frente. O homem sentou-se a seu lado.

Assim, o conjunto dessas ações e das referências enunciativas permitem-nos identificar a situação de subalternidade da mulher em relação ao homem. O enunciado *Ele continuava o mesmo. Bonito, grande*, mostra que Maria reconhece o homem. Assim, tal atitude orienta o co-enunciador a observar como, em nossa sociedade, o ser homem se constrói em oposição ao ser mulher. Essa perspectiva se acentua na cenografia, principalmente, quando a mulher Maria se identifica frágil, magoada, triste, com saudade, sozinha, arrependida de ter tido outros homens e outros filhos, pois ao homem são atribuídos, socialmente, papéis superiores ao da mulher: *Homens também? Eles haveriam de ter outra vida. Com eles tudo haveria de ser diferente.*

Embora essa cenografia literária privilegie a flexibilidade de Maria, parcialmente, o enunciador apaga a identidade do homem como um estratégia para enfatizá-la e colocá-los em confronto. Por isso, a descrição física pelo pensamento de Maria, o homem não recebe um nome, pois é sobre ela que o enunciador que fazer recair a subserviência, a tristeza e a desilusão. A cenografia sinaliza, ainda, uma encenação com posicionamento machista que desperta, em Maria, vergonha e medo, motivados por imposição de uma sociedade regida por uma educação patriarcal; entretanto, o homem desconstrói essa imagem, quando confessa não ter tido outra por sentir saudade de Maria e do filho.

Recorte 3

E logo após, levantou rápido sacando a arma. Outro lá atrás gritou que era um assalto. Maria estava com muito medo. Não dos assaltantes. Não da morte. Sim da vida. Tinha três filhos. O mais velho, com onze anos, era filho daquele homem que estava ali na frente com uma arma na mão. O de lá de trás vinha recolhendo tudo. O motorista seguia a viagem. Havia o silêncio de todos no ônibus. Apenas a voz do outro se ouvia pedindo aos passageiros que entregassem tudo rapidamente. O medo da vida em Maria ia aumentando. Meu Deus, como seria a vida dos seus filhos? Era a primeira vez que ela via um assalto no ônibus. Imaginava o terror das pessoas. O comparsa de seu ex-homem passou por ela e não pediu nada. Se fossem outros os assaltantes? Ela teria para dar uma sacola de frutas, um osso de pernil e uma gorjeta de mil cruzeiros.

Não tinha relógio algum no braço. Nas mãos nenhum anel ou aliança. Aliás, nas mãos tinha sim! Tinha um profundo corte feito com faca a laser que parecia cortar até a vida. Os assaltantes desceram rápido.

No Recorte 3, o enunciador insere na cenografia literária um assalto, não à moda de uma cenografia policial, mas para fundamentar o posicionamento que se desenvolve no funcionamento discursivo. Os recursos constitutivos dessa estratégia fazem com que o enunciador se utilize de elementos da enunciação narrativa de suspense, a fim de alcançar ao que subjaz a essa situação comunicativa. Para isso, o enunciador apaga o estado de flexibilidade da cenografia anterior para impelir o co-enunciador a compreender alteração na enunciação e confirmar o caráter real/ficcional de seu empreendimento discursivo. O grito de assalto e o revólver em punho instauram uma circunstância inexplicável e fazem com que Maria, surpresa, sinta medo da vida. Não teme a morte de seu corpo, mas a sorte dos filhos. Assim, a movimentação que se desenrola na cenografia enumera que:

o motorista seguia a viagem; havia o silêncio; apenas a voz do outro se ouvia pedindo aos passageiros que entregassem tudo rapidamente; era a primeira vez que Mara via um assalto no ônibus; imaginava o terror das pessoas; o comparsa de seu ex-homem não pediu nada a ela. Se fossem outros os assaltantes, ela teria que dar uma sacola de frutas, um osso de pernil e uma gorjeta de mil cruzeiros; não tinha relógio, nenhum anel ou aliança; apenas um profundo corte feito com faca a laser que parecia cortar até a vida. Os assaltantes desceram rápido.

Assim, a possibilidade de afastar-se de um posicionamento subjetivo, marcado pelo aspecto ficcional da escrita estético-literária, a autora alia-se ao enunciador para denunciar um crime que ocorre na sociedade e que impede à mulher negra de distanciar-se da violência e da submissão, instituídas socialmente pelo poder da branquitude.

Recorte 4

Maria olhou saudosa e desesperada para o primeiro. Foi quando uma voz acordou a coragem dos demais. Alguém gritou que aquela puta safada lá da frente conhecia os assaltantes. Maria se assustou. Ela não conhecia assaltante algum. Conhecia o pai de seu primeiro filho. Conhecia o homem que tinha sido dela e que ela ainda amava tanto. Ouviu uma voz: *Negra safada, vai ver que estava de coleio com os dois*. Outra voz vinda lá do fundo do ônibus acrescentou: *Calma, gente!*

Se ela estivesse junto com eles, teria descido também. Alguém argumentou que ela não tinha descido só para disfarçar. Estava mesmo com os ladrões. Foi a única a não ser assaltada. *Mentira, eu não fui e não sei porquê*. Maria olhou na direção de onde vinha a voz e viu um rapazinho negro e magro, com feições de menino e que lembravam vagamente o seu filho. A primeira voz, a que acordou a coragem de todos, tornou-se um grito: *Aquela puta, aquela negra safada estava com os ladrões!* O dono da voz levantou e se encaminhou em direção à Maria. A mulher teve medo e raiva. Que merda! Não conhecia assaltante algum. Não devia satisfação a ninguém. *Olha só, a negra ainda é atrevida*, disse o homem, lascando um tapa no rosto da mulher. Alguém gritou: *Lincha!*

Por esse Recorte 4, o enunciador cria uma cenografia de incertezas e dúvidas em relação ao que vai acontecer com Maria, a única que não fora assaltada. O co-enunciador toma contato com um sentimento de saudade e de desespero de Maria que, encenado na cenografia, resulta do inesperado daquela situação comunicativa. Alguém gritou que Maria estava com os assaltantes. Por isso, o investimento no código linguageiro *puta e negra*

safada, de natureza apelativa e expressiva, comprova um aspecto determinante da realidade brutal a que está imposta a mulher negra, desvalorizada pelo estigma da cor da pele e pelo gênero. Assim, embora desonroso e perverso, a escolha desse linguajar pelo assaltante negro, que lembrava o filho de Maria, desempenha uma função sociocomunicativa, desperta a coragem de outros passageiros e representa um atitude racista que emoldura a cenografia e interfere na identidade de Maria. O dono da voz levantou e se encaminhou em direção à Maria. A mulher teve medo e raiva. *Que merda! Não conhecia assaltante algum. Não devia satisfação a ninguém. Olha só, a negra ainda é atrevida, disse o homem, lascando um tapa no rosto da mulher.* Um clima de tensão invade a cenografia, colocando em interação todos que ali se movimentam e, ao mesmo tempo, possibilitando ao co-enunciador construir uma imagem do assaltante, a partir do repertório sociolinguageiro do falante, que investe no enunciado: *que merda*, para desmoralizar a figura de Maria, ao afirmar que: *Não conhecia assaltante algum.* O enunciado: *Olha só, a negra ainda é atrevida, disse o homem, lascando um tapa no rosto da mulher* não somente reforça a intencionalidade do enunciador e a perspectiva sobre a qual direciona os efeitos de sentido do texto quanto fixa o espaço de representação sociocultural, pois o rosto é o lugar privilegiado do corpo de Maria e contém alto valor simbólico. Parece-nos que não há necessidade de abordar diretamente o racismo, mas compreender que ele opera no discurso como possibilidade de organização discursivo-literária e forma de crítica e/ou denúncia. Um grito de *lincha* ecoa na cenografia e desempenha um papel fundamental não apenas como um simples recurso de expressão do pensamento, mas como se pensamento e ação se confundissem para concretizar um ato efetivo.

Recorte 5

Lincha! Lincha! ... Uns passageiros desceram e outros voaram em direção à Maria. O motorista tinha parado o ônibus para defender a passageira:

— Calma pessoal! Que loucura é esta? Eu conheço esta mulher de vista. Todos os dias, mais ou menos neste horário, ela toma o ônibus comigo. Está vindo do trabalho, da luta para sustentar os filhos...

Lincha! Lincha! Lincha! Maria punha sangue pela boca, pelo nariz e pelos ouvidos. A sacola havia arrebentado e as frutas rolavam pelo chão. Será que os meninos iriam gostar de melão?

Tudo foi tão rápido, tão breve, Maria tinha saudades de seu ex-homem. Por que estavam fazendo isto com ela? O homem havia segredado um abraço, um beijo, um carinho no filho. Ela precisava chegar em casa para transmitir o recado. Estavam todos armados com facas a laser que cortam até a vida. Quando o ônibus esvaziou, quando chegou a polícia, o corpo da mulher estava todo dilacerado, todo pisoteado.

Maria queria tanto dizer ao filho que o pai havia mandado um abraço, um beijo, um carinho.

Este último Recorte desvela o desfecho dos fatos que se desenrolaram no interior do ônibus. Alguns passageiros desceram e outros agrediram Maria, embora o motorista assumira a voz, pede calma e defende Maria. A tentativa inócua de defesa por parte de um dos passageiros é sobrepujada por uma maioria que acredita ter direito e poder sobre o corpo de Maria. Entretanto, as alegações não são suficientes para evitar o desfecho brutal dado a Maria: ela é linchada pelos passageiros do ônibus até a morte. Sua voz é silenciada, apagada e o corpo dilacerado pela violência que nos remete, historicamente, à tortura de negros e negras das senzalas. O co-enunciador tem conhecimento de seu último pensamento por meio da voz do enunciador: ela jamais transmitiria ao filho o recado carinhoso do pai, e seus filhos nunca comeriam as frutas que caíram de sua bolsa durante o linchamento. Eles também não saberiam como seria o gosto do melão. Os gritos e xingamentos partiram de seus iguais, sofredores esquecidos e tão marginalizados quanto Maria. Seus nomes são deletados e seus corpos não são descritos. Todos são tão apagados socialmente como Maria e carregam em si o estigma da cor da pele, destino social imposto pelo branco, desde o nascimento. Os palavrões antecipam o desfecho violento da enunciação literária e manifestam o descaso com o corpo negro.

Considerações Finais

Do que foi visto no percurso deste artigo, podemos considerar que a perspectiva linguístico-discursiva para o literário, conforme Maingueneau (2018), possibilitou-nos identificar a forma como, ao projetar as cenografias, o enunciador coloca em cena a relação

da condição da mulher negra e as forças sociais produtoras de racismo como uma estratégia de poder do homem branco. Também foi possível conferir maior cientificidade ao literário, uma vez que, estabelecido *Maria*, seu objeto de estudo, como um evento linguístico-discursivo, a metodologia da AD contribuiu com as discussões sobre o racismo, o poder da branquitude, o lugar de fala do negro e a linguagem, cujos efeitos têm ocasionado a submissão/apagamento da mulher negra em nossa sociedade

Na verdade, a análise de *Maria* mostra-nos que a abordagem literária da negritude está presa ao compromisso de Conceição Evaristo de dar a conhecer a identidade linguística e social da mulher negra. Em função disto, foram priorizadas as cenografias, em cujos espaços vimos elementos do evento discursivo, tais como, as marcas de código linguageiro, os posicionamento e, particularmente, os sujeitos que enunciam, argumentam e se situam em um espaço social que reflete atitudes humanas do cotidiano. O discurso literário de Conceição Evaristo impulsiona-nos a denunciar e combater o racismo, impele-nos a exigir valorização da identidade negra e faz-nos exigir respeito à diversidade étnico-racial, de gênero e de condição social.

Referências

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte (MG):

Letramento, 2018.

BORDINI, Maria da Glória. Estudos culturais e estudos literários. **Letras de Hoje**. Porto Alegre, v. 41, n. 3, pp. 11-22, setembro, 2006.

CHAVES, Ramon Silva: **O paradigma do estigma**: identidade e relato de si no discurso “Recordações do escrivo Isaias Caminha” - Tese (Doutorado em Língua Portuguesa). PUC-SP, São Paulo, 2018.

CUTI. **Literatura negro-brasileira**. São Paulo: Selo Negro Edições, 2010.

EVARISTO, Conceição. **Literatura negra**: uma poética de nossa afro-brasilidade. *Scripta*, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2009. Disponível em: Acesso em 31 mar. 2021.

EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016.

GONZALEZ, Lélia. **Primavera para as rosas negras**: Lélia Gonzalez em primeira pessoa. São Paulo: Diáspora Africana, 2018.

IANNI, Octavio. Literatura e consciência. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**. Edição Comemorativa do Centenário da Abolição da Escravatura. Número 28, p. 91-99, São Paulo: USP, 1988.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**. Episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MIRANDA, Fernanda R. **Silêncios prescritos**: estudos de romances de autoras negras. Rio de Janeiro: Malê, 2019.

MAINGUENEAU, Dominique; COSSUTTA, Frédéric. L'Analyse des discours constituants. **Langages**, n.117, p. 112-25, 1995.

MAINGUENEAU, Dominique: A Análise do Discurso e suas fronteiras. **Matraga**, Rio de Janeiro, v.14, n.20, p. 13-37, 2007.

MAINGUENEAU, Dominique: **Discurso e Análise do Discurso**. tradução Sírio Possenti, São Paulo: Parábola, 2015.

MAINGUENEAU, Dominique: **Discurso Literário**, São Paulo: Contexto, 2018.

ORLANDI, E. Recortar ou segmentar? **Linguística: Questões e Controvérsias**. Série Estudos. Uberaba: Faculdades Integradas de Uberaba, p. 09-26, 1984.

DOI: <https://doi.org/10.29327/232521.9.1-6>

REUTERS, Yves. **A Análise da narrativa**. Trad. Mário Fontes. Rio de Janeiro: Difel, 2002.

RIBEIRO, Djamilá. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte (MG): Letramento; Justificando, 2017.

SANTOS, Mirian Cristina dos. **Intelectuais negras: prosa negro-brasileira contemporânea**. Rio de Janeiro: Malê, 2018.

SEVCENKO, Nicolau. **A Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

Submetido em: 06/01/2022

Aprovado em: 20/09/2022